

**SEPEX – Seminário de ensino, pesquisa e extensão da Uneal
07 a 10 de agosto de 2023**

**O IDEAL DE COMPORTAMENTO ESCOLAR E O CAPITAL ESCOLAR
FRACO**

Crisllayne Gizely Bezerra dos SANTOS¹, Gladyson Stelio Brito PEREIRA²

¹Aluna do Curso de História na Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL;

²Professor orientador, Professor do Curso de História na Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, gladyson.pereira@uneal.edu.br.

E-mail da autora: crisllayne.santos.2021@alunos.uneal.edu.br

RESUMO - O presente trabalho tem por objetivo iniciar uma reflexão a respeito das condutas esperadas dos alunos, seja pela escola ou professores, no ambiente escolar, e o conflito entre essas expectativas e a realidade sócio-cultural-escolar do meio familiar no qual esses alunos cresceram. Como base serão utilizadas as experiências vividas na Escola Monsenhor José Soares, Arapiraca, Alagoas, entre outubro de 2022 a junho de 2023, em conjunto também com as discussões teóricas que complementam a experiência do PIBID, ainda em andamento. A metodologia utilizada pelo PIBID trata-se da imersão organizada, com ela o licenciando tem contato com um professor-supervisor em sala de aula, e com um professor-coordenador na universidade, com orientações gerais e teóricas. Foi utilizada a teoria pedagógica de Bernard Lahire na análise das situações vivenciadas na Escola Mosenhor. Partindo do ponto que a educação não foi inicialmente constituída para atender a todos, é de se esperar que os ideais intelectuais e comportamentais das classes subalternas não se adequem a essas exigências. Lahire parte da concepção de que os meios de convívio social da criança são responsáveis por moldar sua personalidade, assim, é improvável que um aluno que cresceu em um ambiente com pouco ou nenhum capital escolar consiga se adaptar ou se adequar às regras escolares que visam um parâmetro disciplinar que não convém a realidade do alunado, ou seja, a de uma realidade elitizada. Com a figura do “professor ditador” deixando de existir e a prática pedagógica mais voltada para a busca da autonomia da criança entrando em vigor, os alunos com uma base pré-estabelecida de comportamento conseguem adaptar-se bem as regras escolares estabelecidas mas não ditadas, já os alunos sem essa base possuem mais dificuldades em adaptar-se, considerados como “sem jeito” ou “bagunceiros”. Algumas experiências na Escola Monsenhor, nas turmas vespertinas do 6º e 7º do ensino fundamental podem exemplificar essas ideias. Certo dia o professor supervisor aplicou prova em ambas as turmas, a prova consistiu em uma elaboração de uma

**SEPEX – Seminário de ensino, pesquisa e extensão da Uneal
07 a 10 de agosto de 2023**

história em quadrinhos de um dos conteúdos abordados anteriormente nas aulas, nesse caso os tipos de tempo. As crianças poderiam escolher qualquer um dos tipos de tempo ensinados para desenvolver sua história e para quem não quisesse desenvolver a história em quadrinhos também estava disponível a elaboração de uma redação com o mesmo tema. Alguns dos alunos saíram-se muito bem na elaboração do trabalho, porém grande parte, especialmente na turma do 7º ano, mostrou dificuldade não apenas em entender o que estava sendo proposto, como em colocar em prática a atividade solicitada. Embora tenha sido uma proposta de avaliação interessante, dois pontos podem ser levantados sobre ela. O primeiro que, acostumados com métodos avaliativos tradicionais, a falta de “autonomia” dos alunos se evidenciou bastante. O segundo é que como o professor não utiliza métodos tradicionais em suas aulas, é possível que os alunos tenham tido dificuldades em absorver os conteúdos da forma pretendida, especialmente pela metodologia exigir deles maior autonomia que eles ainda não desenvolveram.

Palavras-chave: Práticas escolares. Desigualdade social. Educação tradicional. Práticas de docência. Desigualdade escolar.